

# *Narrativas de deslocamento: o sugar para sujeitos migrantes em escritas de Antônio Torres*

Clélia Gomes dos Santos (UESB)<sup>25</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ricardo Martins Valle (UESB)<sup>26</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## **Resumo**

A representação de sujeitos em condição de desterro tem sido largamente recorrente nas produções literárias contemporâneas. Numerosas são as narrativas de ficção em que a mobilidade forçada, posta por instabilidades econômicas, culturais, políticas ou a estabilidade inquieta pelos desajustamentos sociais se fazem presentes, apontando para questões como pertencimento e desenraizamento, a diáspora sertaneja do nordeste brasileiro no século XX e a redefinição da identidade agenciada por novos contatos com culturas. Por meio de recortes teóricos dos conceitos migração, deslocamento e lugares, assim como dos estudos culturais fundamentados por Stuart Hall (2003/2006), Zygmunt Bauman (2005), Homi Bhabha (1998), García Canclini (2006), dentre outros, este estudo pretende discutir a experiência do deslocamento na narrativa contemporânea o sentido que os “lugares” resultantes dos processos de mobilidades forçadas representam na vida dos sujeitos migrantes, assim como verificar de que maneira a perda dos referentes espaciais modificam o sujeito desenraizado. Para tanto, analisamos trechos das obras contemporâneas *Essa Terra* (1976), *O Cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) do escritor Antônio Torres.

## **Palavras-chave**

Migração. Antônio Torres. Deslocamento. Lugares.

---

<sup>25</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduada em Letras Português/Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2005).

<sup>26</sup> Graduado em Letras Alemão/Português pela USP (1998), mestrado e doutorado em Literatura Brasileira também pela USP. É professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, atuando nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

## **Além de um deslocar de corpos**

A temática da migração tem sido amplamente discutida nesse tempo. Assim, debates Pós-Coloniais, Culturais e Literários abordam essa escrita de “arribada”, deslocamentos do sujeito na contemporaneidade, bem como dando visibilidade ao sujeito diaspórico, muitas vezes deslocado de seu lugar, de sua cultura e de sua identidade. Nesse sentido, a contemporaneidade marca a literatura, assim como outras áreas, a exemplo sociologia com temáticas vinculadas à migração – a representação dos problemas humanitários ligados aos grandes deslocamentos demográficos, ao desenraizamento de sistemas simbólicos tradicionais e os interstícios existenciais do não-lugar, os quais sujeitos migrantes são obrigados a sucessivamente ocupar e desocupar, a intimamente criar e a recriar sistemas de adaptação e conformação simbólica, por força de necessidades que fogem do controle individual dos envolvidos – evidenciam algumas das condições desse ambiente.

Nesse cenário, constata-se que o drama do retirante tematiza produções literárias brasileiras desde o regionalismo romântico, perpassando pelo naturalista do final do século XIX e reiterado ao final do século XX. De modo semelhante é o drama dos que ficam, o descentramento daqueles que tendo resistido à retirada sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso signifique garantia de pertencimento, porque o mundo se transforma e tende a se transformar de forma cada vez mais rápida e vertiginosa, e com isso desenraiza de sua pertença mesmo aqueles que não se evadiram. Assim, a literatura brasileira oferece um número significativo de obras que, dentre diferentes possibilidades de leitura, permitem também identificar a condição do migrante e as consequências advindas dos movimentos que o direciona a novos pontos: o de partida e o de chegada. Dessa forma, a ficção se encarrega de os migrantes que formam a margem da nação, mas também, os nativos que vivem à margem, inclusive no que se refere a questões locais. Em *Vidas Secas* (data) Graciliano Ramos retrata a migração do Nordeste contando a história da família de Fabiano que, sem rumo, vive a saga em busca de sobrevivência nesse ambiente e profetiza o que seria a sina do homem nordestino: migrar para o Sul, fugir da morte certa rumo a uma terra incerta, desconhecida “... correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa ...” (RAMOS, 2008, p. 55). Escritores como Rachel de Queiroz, Raduan Nassar, Jorge Amado, dentre outros, trazem personagens em situação

de exílio interno e externo, de falta de oportunidade, de interdição, de mobilidade forçosa, de deslocamento, dentre outros.

Nesse sentido, diversas são as narrativas em que os movimentos populacionais forçados se fazem presentes revelando características e aspectos culturais, econômicos, sociais e ideológicos. A partir dessa seara temática é que buscamos discutir por meio de narrativas contemporâneas a experiência do deslocamento, o sentido que os ‘lugares’ resultantes dos processos de mobilidades forçadas representam na vida dos sujeitos migrantes, assim como verificar de que maneira a perda dos referentes espaciais modificam o sujeito desenraizado. Para tal, analisamos recortes de três romances do autor Antônio Torres (1940), em especial de trechos que refletem sujeitos personagens que vivem em condições de desterro, de não pertencimento e não-lugares, uma vez que, no nosso entendimento, as obras *O cachorro e o lobo* que, juntamente com *Essa Terra e Pelo Fundo da Agulha*, resultam das dinâmicas da migração nordestina e seus desdobramentos.

É habitual encontrar na produção literária do então romancista baiano Antônio Torres temas relacionados à migração, o deslocamento, os tipos pessoais, a valorização nos detalhes a lugares simples, o caráter memorialístico, autobiográfico, trazendo à tona a complexidade crítico/literária que permeia as narrativas do autor. Com textos marcados pela instabilidade estrutural como forma de representação de um universo caótico, com identidades indefinidas, instáveis, fragmentadas, dominado pela incerteza que Torres apresenta-nos a trilogia. *Essa terra* (1976) e *O cachorro e o lobo* (1997) se passam no Junco, cidadezinha do interior baiano. No primeiro, Totonhim assiste e conta volta do irmão Nelo da cidade de São Paulo, um derrotado pela capital que, frustrado com o próprio fracasso vem se suicidar na terra de origem; no final Totonhim decide fazer o mesmo percurso na esperança de desenhar outra história. O segundo narra a visita de um dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo, por ocasião do aniversário de oitenta anos de seu pai e lá se depara com os fantasmas do passado e verifica que já não seria possível voltar a viver naquele lugar. Para fechar a trilogia, Torres apresenta *Pelo fundo da agulha* (2006), romance que se passa em São Paulo e é um relato de crises vividas pelo mesmo personagem por meio de lembranças, depois de dez anos da efêmera visita a sua terra de origem. Aposentado, amarga a dissolução dos laços de trabalho, amizade e familiar.

Nessas obras, a migração pressupõe não apenas deslocamentos geográficos. A esta mobilidade dos corpos humanos corresponde, sobretudo, o ultrapassar de valores, a superação irreversível de estágios de descentramento, desestabilizações sucessivas e

compulsórias adaptações. Dessa forma, além de ser tema na literatura, a mobilidade humana funciona como fio condutor para o ato de criação literária, uma vez que está também na experiência de muitos escritores.

### **Estar em outro lugar é estar deslocado?**

Muitas são as construções literárias que apontam que a relação entre o exercício de narrar a mobilidade dos sujeitos, ainda que compulsória, constitui uma artifício profícuo no pensar e refletir a literatura. Braga e Gonçalves (2014, p. 38), afirmam que o vínculo entre literatura e locomoção de sujeitos não se trata de uma empatia recente, recorrendo a Walter Benjamin (1936) acreditam que “no cerne das tradições literárias estão as narrativas centradas em peregrinos, comerciantes, marinheiros mercantes e todos os tipos de aventureiros” (*apud* BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 38). Aspecto esse que pode sinalizar para uma maior atuação e influência do migrante no universo da ficção que propriamente no real. Depurar com produções literárias nas quais percebemos expressivos registros de diversos tipos de migrações tornou-se constante.

Nos romances *Essa Terra*, *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha* isso se assemelha. O elemento desencadeador de muitos outros processos, inclusive o mais trágico – o suicídio do personagem Nelo – é a migração. Mais que um fato individual, trata-se um sujeito que, simbolicamente representa um coletivo: o desejo, a ilusão de sair do sertão em busca da “terra prometida”<sup>27</sup>, nesse caso a cidade de São Paulo. Migrar, emerge nesses romances como uma legítima *saga do deslocamento*, na qual protagonistas e personagens secundários cumprem um destino substancialmente marcado pelas mudanças, pelos desvios, pelos retornos, pelas transferências constantes.

(...) um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e diferente de casimira, seus *raybans*, seu rádio de pilha/faladorzinho como um corno, e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens. (TORRES, 2008, p.14)

---

<sup>27</sup> *Essa Terra* é um romance em que os lapsos da memória, as referências bíblicas assim como outros aspectos simbólicos na construção da narrativa são bastante presentes. A Terra Prometida refere-se à passagem bíblica situada no livro do *Êxodo* (13:26-33) à qual faz uma alegoria à partida e o regresso de Nelo, assim como deslocamento que a viagem simboliza, parodia a narrativa da Parábola do Filho Pródigo em Lucas (15:11-32).

O drama da viagem para um possível definitivo fim, movida por força ou em nome de forças erradas, de mal firmados fins, a narrativa do desenraizamento compulsório marcam a silenciosa diáspora de uma coletividade. A natureza desse evento suscita pensar o migrante a partir de nossas experiências e reflexões e nos instiga considerar a bagagem de experiências que esse ser traz consigo, como (in)certezas, sonhos, desejos, (des)ilusões, expectativas. O migrante é o indivíduo que, por necessidade de sobrevivência ou por ilusórias escolhas, passa a conviver com uma realidade sociocultural totalmente diferente da sua de origem, ou seja, desloca-se do seu espaço no intuito de fixar-se em outro e acaba, por diversas vezes, não se sentindo locado nem no de origem nem no novo espaço. Nelo, personagem de Torres vai para São Paulo no intuito de melhorar as condições de vida, dele e do Junco que, juntamente com a família, depositaram nele o sonho “ganhar dinheiro na cidade grande”. “Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.” (TORRES, 2012, p.63).

Basta uma breve visita à história do Brasil para identificarmos a influência exercida pelas migrações internas no processo de formação da sociedade brasileira, acarretando deslocamentos traumáticos e (re)criando formas de encontrar-se nos lugares. Para (GUERRA, 2002, p.1), “a mobilidade espacial forçada dos camponeses no Brasil, antecede e atravessa a história do país”. Nesse cenário, Torres representa, por meio da ficção, o Nordeste que surgiu como celeiro de milhares de mulheres e homens que, em retirada buscavam melhores condições de vida nas capitais, fugindo sobretudo da seca. No entanto, na trama narratológica torresiana, o que rechaça o povo do Junco não é especificamente a seca, mas um conjunto de fatores que produzem naquele lugar indivíduos limitados, arquétipos<sup>28</sup> que compartilham gestos e conversas simples, vivências que transmitem a sensação de impotência e de esquecimento do lugar pelo resto do mundo. Nelo, personagem centro do *Essa Terra* não fala, (TORRES, 2008, p. 42-43) se expressa discretamente em apenas dois momentos da narrativa, ambos ocorridos na capital paulista: embriagado, levou uma surra da polícia e a traição da mulher com um primo também migrante. Perdera a mulher e mãe dos seus dois filhos para alguém que fez o mesmo trajeto que ele ao ir para São Paulo, mas que ao contrário se encontrou e se adaptou naquele lugar. Essa construção aviva a sensação de não pertencimento daquele

---

<sup>28</sup> Inconsciência coletiva, que já nasce com a pessoa e que possui como conteúdo modos de comportamentos e assimilações do mundo que são as mesmas para todos os seres humanos; espécie de herança psicológica que se soma à herança biológica; formada por estruturas psíquicas que nasceram das vivências experimentadas ao longo de centenas de gerações, segundo Jung ([ ]2014). Inserir data de primeira publicação.

que deixa de fazer parte da cultura de origem e não consegue se inserir na cultura do lugar para onde migra.

Em *O cachorro e o lobo*, a problemática envolvendo o reconhecimento/pertencimento do lugar é reverberada na fala do narrador personagem Totonhim na breve visita que faz ao pai no Junco: “Olho para este mundo feito de casas simples, lembranças singelas e gente sossegada, tudo e todos sob um céu descampado, e me pergunto se ainda tenho lugar aqui, se conseguiria sobreviver aqui, morar aqui. E me assusto com a pergunta.” (TORRES, 1997, p. 46). Essa conflituosa relação do personagem com o espaço circunscreve a interferência dos lugares no trato identitário e ao mesmo tempo aponta para um outro elemento cultura, o sujeito no entre-lugar. Para Bhabha, o sujeito do “entre-lugar” realinha as fronteiras de espaço e tempo, habita “um espaço intermediário” (BHABHA, 1998, p. 27). A interpretação dessa concepção de sujeito, que não visa à solução em um futuro utópico e apresenta-se como híbrida, ao dialogar com o passado, transforma-o em recurso explorado na narrativa literária, como é o caso de Antônio Torres nos livros que formam a trilogia.

De acordo com Bhabha não é possível entender o sujeito contemporâneo por completo dentro de uma estrutura que se apresenta fragmentado, nem tão pouco compreendê-lo como ser estático em um momento histórico de pleno dinamismo, movimentado. O sujeito do “entre-lugar” é um novo elemento cultural que surge do embate da tradição com a contemporaneidade e as transformações que dele emanam.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *contium* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Silviano Santiago discute o entre-lugar como uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca adesão além dos limites geográficos de uma nação, relativizando fatos, caracteres, manifestações sempre no sentido de melhor refletir o nosso hibridismo (SANTIAGO, 1982, p.19), fruto de quebras de fronteiras culturais. A reflexão de Santiago tende também no sentido de um multiculturalismo crítico e não apenas de inclusão numa sociedade de consumo. O sujeito que está no entre-lugar, margem de um espaço está também num lugar de mudanças, de trocas e instabilidades,

contestador e movediço. Nesse sentido, é que o entre-lugar não representa apenas o privilégio social de ricos e intelectuais, mas as migrações e diásporas de massas.

Nos estudos de Barzotto (2010), vemos o entre-lugar como espaço de trocas culturais, conflitos e indeterminações que vão surgindo a partir das relações de poder, mas que por outro lado, essa problemática permite a construção de uma identidade nacional e efetivação de uma comunidade. Nas palavras da professora (BARZOTTO, 2010, p. 34), “Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação.” Desta forma, como Bhabha, Santiago também acredita que o intelectual à margem, ao dominar a língua do opressor, tem um contradiscurso mais prático e eficaz uma vez que “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (SANTIAGO, 1978, p. 22) No caso das narrativas de Torres, a metáfora do entre-lugar se dar em Nelo, porém sob efeito inverso, uma vez este representa um sujeito na margem que não conseguiu vencer o opressor, nesse caso a metrópole, e fracassado retorna ao lugar de origem, com o vazio da mala e de si. A bagagem, ao invés de dinheiro e presentes, traz o desgosto, a decepção, a angústia, o desencontro com a sua cidade, a crise existencial, enfim, a pobreza de antes, somada ao sentimento de derrota. “Era verdade [...], uma velha carteira vazia. Digo: sem dinheiro” (TORRES, 2008, p. 34). Nelo, aquele que “um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico” (TORRES, 2008 p. 14), regressa sem conseguir cumprir a sua expectativa, nem para si mesmo, nem para a família, nem para o Junco.

A complexidade do embate acerca dos lugares é vista também no não reconhecimento do lugar em Totonhim, em outro momento da narrativa, no qual o personagem se encontra diante das mudanças ocorridas no lugar de origem, e isso causa estranhamento, como vemos em: “Aqui: longe das filas, dos engarrafamentos, da fumaça, dos elevadores, fax, computadores, telefone. não é um paraíso? É tudo tão tranquilo, tão exageradamente calmo, que me dá medo” (TORRES, 2015, p. 80). Totonhim representa, nesse viés, um sujeito na condição de deslocado. Nota-se que, desse lugar de onde o sujeito da diáspora fala é um posicionamento frente à sua cultura, frente a essa nova cultura híbrida e uma forma de afirmação dos seus valores sociais e culturais. Para Hall, o sujeito na circunstância de deslocado propõe-nos uma reflexão acerca do sentimento de diáspora. Na fala de Hall,

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente

para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. (HALL, 2003, p. 415)

A esse respeito, o comportamento de Totonhim descortina o estado de deslocamento e instabilidade identitária a que o personagem se encontra no Junco. “Amanhã cedo eu queria era tomar uma caneca de leite com sal, ordenhado diretamente do peito da vaca, sem a intermediação da Parmalat. Esqueça isso, Totonhim. Você não mora mais aqui. E não sabe de nada.” (TORRES, 2015, p. 135) É perceptível a dificuldade de localização que o personagem se encontra, em especial psicologicamente. Com a sensação de sentir-se estrangeiro mesmo em lugares íntimos é que caracterizamos personagens de Torres como diaspóricos, uma vez que a diáspora se relaciona, de um modo geral, àqueles que eram literalmente arrancados da sua terra natal e deportados para uma outra, sendo por isso associada à dispersão. Hoje, o conceito está associado à emigração, independentemente das causas que lhe estão implícitas, e o seu significado tem sentido pautado pelos processos de globalização.

Hall propõe ainda que, ao associar a diáspora à emigração, faz-se necessário resolver, no entanto, entre a que reboca uma série de repressões e ameaças evidenciadas por fatores como a pobreza, o subdesenvolvimento ou a falta de oportunidades, que reputa como “legados do Império em toda parte” (HALL, 2003, p. 28), que podem coagir as pessoas a migrar, ainda que sob efeito de uma realidade ilusória, transmitida muitas vezes por informações midiáticas em que é mostrado apenas o lado harmonioso da vivência do sujeitos naquele país, cidade ou região que não lhes pertencia, mas onde estão por vontade própria e com uma posição social relevante, noticiados positivamente, porém que não corresponde à realidade da maioria. Como é o caso da visão, retratada no fragmento abaixo, que os moradores do Junco tinham da cidade de São Paulo:

Depois passou-se a sonhar com o Sul, as terras ricas de São Paulo-Paraná. Os que voltavam traziam novas histórias. Contavam as aventuras de uma cidade com mais de trinta léguas de ruas. Onde, durante o dia, um ajudante de pedreiro se besuntava na massa e na cal preparando o reboco para os edifícios em construção e, à noite, se lavava todo, se perfumava e se vestia igual a um doutor – para tanto, o dinheiro dava. (TORRES, 2015, p. 50)

Habitando a fronteira que divide dois lugares, a cidade da infância e sossego e a metrópole da competição e tempo que “voa”, a obra de Torres se caracteriza pela experimentação do novo e, conseqüentemente do incerto. Homem instruído, empregado de um banco, urbanizado, o protagonista também é um derrotado. Seu perfil pacato e invisível traz dúvidas em relação ao futuro e as instabilidades da vida. A única certeza é o passado arquitetado nas memórias sobre o pai, a mãe e o irmão morto no armador de



rede da velha sala. Estar no Junco, em São Paulo, apenas nas memórias, ou não saber discernir onde realmente se encontra, Totonhim, remete-nos novamente à questão dos lugares, conforme Bauman dispõe:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outros estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Os romances de Torres figuram o processo em que o sertanejo/migrante se vê diariamente na luta pela permanência, construindo estratégias de negociação e assumindo o lugar do “outro”, do singular, como um modo específico de estar no mundo e de enfrentar as relações de poder já preestabelecidas e/ou legitimadas. Pensar a diáspora nordestina por meio da ficção é ver as construções literárias acerca dessa temática como lugar de produção de subjetividades e identidades sujeitadas. A personificação do lugar narrado por Torres em *Essa Terra*, ilustra o sentimento de inferioridade:

Sina de roceiro é a roça.

Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi. Em 1932 o lugar esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca que já se teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca, para dar sorte.

\_ O povo caía e morria de sede e de fome, como o gado. Era de cortar o coração. (TORRES, 2008, p. 16)

O trecho aponta para a problemática de questões de ordem natural sem deixar de evidenciar as complexas articulações entre o social e o psíquico. No esmiuçar de histórias, pessoais e coletivas, vislumbramos as faces, as mãos calejadas, os olhos marcados por uma dignidade humana que ultrapassa a ética da exploração, signos produzidos pelas adversidades da vida em constante itinerância. “Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso. Já tinha sido um homem, agora não era mais nada. Não tinha mais nada”. (TORRES, 2008, p. 48)

Entre percursos e paragens, as experiências do sujeito interiorano na metrópole e o contato com culturas diferentes direcionam-nos ao debate sobre as identidades que, segundo Hall (2003) não podem mais ser consideradas como centralizadas e uniformes. O pensamento desse teórico sobre a concepção de identidade sugere uma nova maneira de pensar a temática, entendendo-a como móvel, flexível e que

pode e dever ser redirecionada, indicando a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender de maneira mais significativa as encenações que (re)constroem as culturas, os sujeitos e os espaços, os tempos.

A nossa compreensão a partir do fragmento acima é a de que para Hall (2003), o contato causado pelas culturas, motivado principalmente pelo processo de globalização, interferiu na ordem estrutural das coisas resultando numa fragmentação que torna possíveis a convivência entre múltiplas identidades e a migração, crescente e constante dessa realidade contemporânea faz com que indivíduos se aproximem cada vez mais das realidades culturais uns dos outros, tornando-se seres mais híbridos dia após dia. De acordo com (BAUMAN, 2005, p. 19) “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”

Embora nosso foco aqui não seja tratar das discussões, concepções e conceitos acerca das identidades, salientamos que ao dialogar sobre o sujeito migrante e as condições de deslocamento desses sujeitos, surge, quase que involuntariamente a necessidade de algumas ponderações essa temática. As reflexões sobre identidades alinhavam diferentes contextos, desde questões de ordem sociológica seguindo um viés não essencialista e contextualizado quanto a elementos da contemporaneidade Hall (2003), Bauman (2005) à função da linguagem na construção identitária do indivíduo, como discuti Moita Lopes (2003) por meio do socioconstrucionismo<sup>29</sup>, dentre outras. Esse estudo toma como base as reflexões de Hall e Bauman, ainda que sem profundidade.

Nos romances da trilogia, conhecemos Antão, pai de doze filhos incluindo Nelo e Totonhim, velho lobo perdera o que tinha de mais valioso, as terras e a casa. Perdera para o banco na quitação de uma dívida. “Banco do Brasil ou não, é um banco. E não me fale em banco perto de mim. Compadre, banco é treta” já lhe disse o meu avô” (TORRES, 2015, 47). Da antiga casa de morada sobrou apenas um caco de telha. Lhe restara a tapera, dois palmos para uma horta, as galinhas. E a sabedoria que o banco algum tira. Sim, isso lhe é suficiente. A figura do pai, um lobo solitário e mateiro descortina não somente a migração malsucedida, mas também os desdobros daqueles que ficaram ou que retornaram e buscam, na terra de origem, reestabelecer as relações de pertencimentos e de identificação com as raízes. A esse respeito, nas palavras de Barbero (2003), a

---

<sup>29</sup> “Concepção que coloca como central o fato de que todo uso de linguagem envolve uma ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico.” (LOPES, 2003, p. 19)

identidade do Velho Antão seria uma representação nítida de que uma identidade que está em contínua relação com outras identidades, sempre em construção e relaciona-se diretamente à ideia de “pertencimento” e nas relações com os demais, assim:

A identidade não é, pois, o que é atribuído a alguém pelo fato de estar aglutinado num grupo [...], mas sim a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo. É, ao tornar-se expressiva, que a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e, portanto, vive do reconhecimento dos outros: a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais. (BARBERO, 2003. p. 65)

Página | 91

Nesse mesmo viés, Bauman (2005) reforça que a identidade conceituada apenas com o vocábulo “pertencer” passa por uma grande crise. As discussões de Bauman, reiteram a busca pelo pertencimento a uma comunidade ou grupo é, muitas vezes impulsionada pela busca de segurança, mas a fragilidade e transitoriedade dessas estruturas não permitem com que o sujeito não poderá encontrar segurança nelas, pois estas possuem um ritmo acelerado e são movidas pela atemporalidade.

Ver a identidade sob a ótica histórica e não biológica, como afirma Hall (2006), é percebê-la também como uma criação a partir da visão que os outros têm do sujeito. Assim, ao descrever o Velho Antão, Totonhim atribui a ele características a partir do seu ponto de vista, o que pode diferir da visão que os demais moradores do Junco, bem como do próprio Antão sobre si:

Eis aí um homem que ao tornar-se oitenta, apresenta um vigor na voz capaz de surpreender a todos os mortais, de todas as idades. Podem espalhar que suas cordas vocais estão muito bem conservadas em alcatrão, nicotina e álcool, muito álcool, cana brava. (TORRES, 1997, p. 19)

O trecho acima traz à tona a discussão sobre identidades sob um outro viés, ou seja, a partir da identidade criada para o sujeito por seus arredores. No caso do Velho Antão com sua identidade de lobo era, para os moradores do Junco nada mais que um lobo velho, mateiro e que ficava escondido nas montanhas, a conversar com as galinhas e contar os dias (TORRES, 2015, p. 217). No entanto, aos oitenta anos, surpreende a todos com muita vivacidade. Nesse sentido, (HALL, 2006, p.12) propõe, refletir o campo das identidades a partir da visão de identidade como contrato mutável: "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente". Nesse pensamento de Hall, o sujeito assume identidades de acordo com

cada situação, as identidades não são uniformes e não giram entorno de um 'eu'. Os sujeitos são passíveis, nesse sentido, de apresentarem identidades contraditórias, com diferentes direcionamentos, de modo que estar deslocado torna um estado recorrente.

Como já mencionamos aqui, a migração é elemento desencadeador de muitos outros processos nas construções de Antônio Torres exploradas nesse estudo, de modo que verificar personagens em diversas formas e condições de deslocamento, torna-se exercício frequente ao longo das narrativas. Nessa perspectiva, os deslocamentos contemporâneos, coercitivo ou proposital de povos encenam uma situação que pode ser considerada uma espécie de exílio, embora nem todo deslocado se autodeclare exilado. Retirante de si, deslocado do sertão, da metrópole, da família, do ambiente de trabalho está Totonhim ao se aposentar. Não se reconhece em espaços antes familiares “Pois a vida agora só seria isso: memória. E exílio. Num apartamento. Num quarto. Na cama”. (TORRES, 2014, p. 46). Essa passagem, retirada do romance *Pelo fundo da agulha* possibilita pensar o exílio a partir do aspecto territorial ou íntimo, marcado pela violência ou resultado de decisões pessoais, de expulsão ou desentendimento.

Fazendo uso dos estudos da socióloga Rosane Pires Batista (2011), sobre as memórias de exílio de Ferreira Gullar, os quais apontam que o poeta se refugia na escrita quando se sente sozinho e impotente e transportando para a escrita torresiana, percebemos que a personagem Totonhim se refugia da solidão e do sentimento de abandono por meio das lembranças. As citações que seguem, retiradas no início e final do livro *Pelo fundo da agulha* evidencia o panorama pelo qual o narrador personagem Totonhim se refugia e exila física e psicologicamente, prostrado numa cama entre quatro paredes e na memória, respectivamente:

Cá está ele: na cama.

Não imagine um guerreiro que depois de todas as batalhas finalmente encontrou repouso, abraçado a uma deusa consoladora dos cansados de guerra. seria exatamente inscrevê-lo na lenda heroica. esta é a história de um mortal comum, sobrevivente de seus próprios embates citadinos, aqui e ali bafejado por lufadas da sorte, mais a merecer uma menção honrosa pelo seu esforço na corrida contra o tempo do que um troféu de vencedor.

Assim o vemos: deitado. Imóvel. A olhar para as paredes de um quarto. (TORRES, 2014, p. 7-8)

No nosso modo de interpretar, o fato de Totonhim ocupar-se de significativa parte do seu tempo em lembranças de acontecimentos passados é uma espécie de exílio de si mesmo e de um passado que poderia, na sua opinião ter sido diferente. Para Rosane

Pires Batista (2011), o exílio é também uma maneira de escapar do medo do futuro que se anuncia e parece o aterrorizante.

O homem na cama vê uma sombra mover-se através da cortina, em direção à janela. E ouve uma voz por trás da sombra:

\_ Não se mate pelo que você deixou de fazer por sua mãe, seu pai, seus irmãos, mulher, filhos, o país, tudo. Ou pelo que deixaram de lhe fazer. Nem por isso o mundo acabou. Abrace-se sem rancor. Depois, durma. E quando desperta, cante. Por ainda estar vivo.” (TORRES, 2014, p. 2017)

Entendemos que o exílio na narrativa de Torres está relacionado à apropriação de pátria que não significa necessariamente um outro país ou nação, mas ao lugar em que os sujeitos de se encontram no presente, como consequência de um deslocamento geográfico forçado ou mesmo voluntário. Assim, o sujeito pode viver um exílio dentro de seu país, comunidade, casa, em lugares/espacos não geográficos, em seu próprio interior, como é o caso das lembranças do nosso protagonista Totonhim. Ao se encontrar separado por não aderir ou pertencer aos valores compartilhados pela maioria, o sujeito torna-se um exilado ao perceber essa diferença moral e responder emocionalmente a ela (ILIE, 1980, *apud* PAIVA, 2017, p. 35-55) “O amigo aí está saindo de cena sem aplausos, é verdade. Isso lhe dói” (TORRES, 2014, p. 39). Além das questões do território e da violência, segundo (PAUL ILIE, 1980, *apud* PAIVA, 2017, p. 35-55), o exílio se caracteriza mais como uma condição mental do que a falta de contato físico entre pessoas ou com terras e casas. Tal rompimento supõe reciprocidade: cortar um segmento de uma população é deixar cada um dos dois segmentos sem o outro (ILIE, 1980), como se vê na narração que Totonhim faz do seu próprio estado de espírito:

É na hora que te mandam para casa, para trocares de vez o terno e a gravata por um pijama, que tu descobres que não tiveste a menor importância” – foi o que o senhor pensou, ao deixar a sua sala e andar, sozinho, a passos de aposentado, por um corredor ermo, vazio, inóspito, passando por portas e mais portas sem avistar viva alma. (TORRES, 2014, p. 39)

Dessa maneira, as dinâmicas migratórias estão associadas à formação das sociedades. O migrante convive com o confronto e a constante tentativa de construção/reconstrução ou constituição de suas representações e identidades, perante os habitantes locais. O contexto formado pelas estruturas sociais, ideológicas, históricas e culturais está fragmentado, o sujeito também se mostra alterado conforme suas necessidades de adaptação. E os ambientes, sejam eles campestres ou urbanos não estão mais tão definidos; assim, o sujeito busca se identificar com determinadas referências simbólicas que assegurem estabilidade identitária, ainda que esta seja ilusória. Os lugares

habitados resultantes dos deslocamentos contemporâneos não podem mais ser categorizados apenas sob a ótica do físico e geográfico, eles passaram a ser simbólicos, psicológicos não ficando à mercê apenas de movimentos e ações coletivas. Em entrevista cedida a João Bosco da Silva (2012, p. 9) Torres fala que ao construir suas personagens ele “tenta buscar um entendimento do que se passa com os homens que trocam a sua terra por outra e que, é minha percepção – lá no fundo de si mesmo perdem a que tinham e não conquistam a outra”.

### **Sujeitos-personagens em trânsito: algumas considerações**

Os textos do escritor Antônio Torres sinalizam como a migração nordestina intrinca debates e estudos acerca da temática, assim como forte é a presença da diáspora do retirante nestas e em outras produções literárias. Seus personagens são sujeitos deslocados e vivenciam experiências de instabilidades e incertezas. Vivem a fragmentação identitária e temporal fruto de deslocamentos forçados por situações de ordem social, econômica, cultural.

Dessa forma, ao tratar a realidade dos excluídos, reconhecendo-os enquanto sujeitos e pacientes de um drama histórico, Torres traz a mobilidade como um fenômeno universal e propõe uma reconfiguração das justificativas da migração. Migrar não é mais uma sina, é uma escolha, ainda que tomada sob efeito de uma realidade ilusória. Dessa forma, a trilogia formada por *Essa terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo agulha* refletem sobre os dramas dos sujeitos no complexo mundo contemporâneo, imbricado de incertezas e instabilidades, divididos entre necessidades e ilusões, entre anseios e frustrações, frutos dos processos de mobilidades forçadas.

### **Referências**

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 2003. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

BARZOTTO, L. A. O Entre-Lugar na Literatura Regionalista: Articulado Nuanças Culturais. **Raído**. Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 23-36, jan./jun. 2010.

BATISTA, R. P. **Ferreira Gullar**: memórias do exílio (1964-1985). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. RJ: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Página | 95

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAGA, C.R.V. GONÇALVES, G. R. Diáspora, Espaço e Literatura: alguns caminhos teóricos. **Revista Trama**. v. 10. n. 47, p. 37-47, jan/jun. 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GUERRA, G. A. D. **O êxodo rural no cancioneiro popular: Triste partida, de Patativa do Assaré**. Trilhas, Belém, v. 3, n. 1, p. 23-34, 2002. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/O%20êxodo%20rural%20n%20o%20cancioneiro%20popular.%20Triste%20Partida,%20de%20Patativa%20do%20Assaré%20-%20Gutemberg%20Armando%20Diniz%20Guerra.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora Record, 1975.

PAIVA, M.G. Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia brasileira: algumas considerações. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 21, n. 42, p. 35-55, jul./dez. 2017.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva/ Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia do estado de São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_. **Vale Quanto Pesa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

SILVA, João. B. **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres.** (Org. Cláudio Cledson Novaes e Roberto Henrique Seidel). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

Página | 96

TORRES, Antônio. **Essa terra.** 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_, Antônio. **O cachorro e o lobo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_, Antônio. **Pelo fundo da agulha.** Rio de Janeiro: Record, 2006.



## NARRATIVES OF DISPLACEMENT: THE PLACE FOR MIGRANTS IN THE WRITINGS OF ANTÔNIO TORRES

### Abstract

Página | 97

The representation of subjects in the condition of exile has been largely recurrent in contemporary literary productions. Numerous are the fictional narratives in which forced mobility, posed by economic, cultural, political instabilities, or stability disturbed by social maladjustment are present, pointing to issues such as belonging and uprooting, the sertaneja diaspora of the Brazilian northeast in the 20th century and the redefining identity driven by new crop contacts. By means of theoretical cutouts of the concepts migration, displacement and places, as well as of the cultural studies grounded by Stuart Hall (2003), Zygmunt Bauman (2001), Homi Bhabha (1998), Garcia Canclini (2006), among others, this study intends to discuss the experience of displacement in the contemporary narrative the sense that the 'places' resulting from the processes of forced mobility represent in the life of the migrant subjects, as well as to verify how the loss of the spatial referents modify the uprooted subject. To do so, we analyze excerpts from the contemporary *This land* (1976), *The Dog and the Wolf* (1997) and *The Bottom of the Needle* (2006) by the writer Antônio Torres.

### Keywords

Migration. Antônio Torres. Displacement. Places.

---

Recebido em: 10/06/2019  
Aprovado em: 03/12/2019